Curso de Teologia da Unicap | PPGTEO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA DA UNICAP | UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

A FUNÇÃO DAS PARÁBOLAS NO EVANGELHO DE MARCOS

Guilherme de Sales Lima[1]

Resumo

A pesquisa investiga o papel das parábolas no Evangelho de Marcos, compreendendo-as como recurso literário-teológico integrado ao desenvolvimento narrativo e à revelação do Reino de Deus. Objetiva identificar sua função na construção da identidade de Jesus e na formação do discípulo. Para tanto, utiliza-se o método qualitativo partindo da Exegese Bíblica em diálogo com a Análise Narrativa, considerando a tradição sapiencial do *mashal* e as características do texto. Conclui-se que as parábolas constituem o recurso narrativo de Marcos para comunicar os mistérios do Reino através de imagens cotidianas, preservando a tradição sapiencial e contribuindo para a formação da identidade cristã.

Palavras-chave: Reino de Deus. Discipulado. Exegese Bíblica. Tradição sapiencial.

1 INTRODUÇÃO

Ao nos depararmos com o texto dos evangelhos e o modo como Jesus ensina, certamente nós nos faremos a mesma pergunta dos discípulos: por que falar em parábolas? Destarte, seguindo o pensamento de Delorme o qual afirma que "não há outro modo de falar de Deus, do Espírito, de Cristo, de toda a realidade espiritual que não seja em parábolas. (Delorme; Thériault, 2019, p. 15) investigaremos a função narrativa das parábolas no Evangelho de Marcos, considerando sua inserção no projeto literário e teológico do evangelista.

Partindo da interface entre a Exegese Bíblica e a Análise Narrativa, demonstra-se que as parábolas não constituem unidades isoladas, mas integram a construção progressiva da identidade de Jesus e da revelação

[1] Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco. Atualmente Graduando em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco. Bolsista PIBIC pelo CNPq. E-mail: guilherme.00000844764@unicap.br

do Reino de Deus. A pesquisa leva em conta a hipótese de que o ensinamento parabólico se enraíza na tradição sapiencial de Israel, especialmente no mashal, retomado e ressignificado por Jesus em horizonte escatológico. A análise evidencia que, em Marcos, as parábolas articulam revelação e ocultamento, exigindo do discípulo uma escuta ativa e interpretativa, sendo o discipulado a condição para o acesso ao seu segundo nível de significado. Pois é "impossível falar do que está além da nossa experiência sensorial sem utilizar parabolicamente o que dizemos de nossa experiência diária[...]" (Delorme; Thériault, 2019, p. 15).

2 MÉTODO LITERÁRIO MARCANO

Ao lançar um olhar sobre a função narrativa das parábolas no Evangelho de Marcos foi possível encontrar um método literário marcano, o que implica dizer que as parábolas não são algo a parte, mas uma inserção em um projeto literário mais amplo, no qual forma e conteúdo se entrelaçam.

Há dois blocos de parábolas bem definidos na narrativa. Um primeiro bloco no quarto capítulo – O semeador 4,3-8; a semente que germina por si só 4, 26-29 e o grão de mostarda 4,30-32 – no qual o termo ἀκούω (akoúo) integra o todo o conteúdo. Tal integração ocorre, pois, a ação requerida ao discípulo, pelo contexto, é a de ouvir, só quem ouve é discípulo e somente aos discípulos é manifestada a plenitude do ensinamento (cf. Mc 4,34b).

O segundo bloco de parábolas está entre os capítulos 12 e 13 – Os vinhateiros homicidas 12, 1-9; a figueira que começa a brotar 13,28-29 e o porteiro vigilante 13,34-36. Há aqui um crescente escatológico, essas parábolas mostram que o Reino chegou, e o campo semântico salta da necessidade de ouvir para o de ver os sinais.

A moldura obtida do recorte das parábolas marcanas principia chamando o leitor a ouvir o ensinamento, desenvolve-se revelando o reino e conclui exortando à vigilância para a chegada iminente e inesperada do Reino. Ao olhar a relação da moldura das parábolas e o projeto amplo do

evangelho, percebemos que as parábolas vão preparando o entendimento das multidões sobre a pergunta fulcral: quem é Jesus?

Jesus é o anunciador e inaugurador do Reino. Tal panorama se confirma ao abordarmos o texto segundo os métodos contemporâneos da Exegese Bíblica e da Análise Narrativa, que buscam compreender o texto em sua dinâmica interna, considerando personagens, enredo, contexto e estratégias comunicativas.

3 PEDAGOGIA DAS PARÁBOLAS DE JESUS

Uma vez aplicado o método de análise à narrativa marcana podemos ver que os discursos parabólicos não são meramente metáforas, ou simplificações de linguagem, mas propriamente um método que apresenta uma estratégia de ensino de Jesus. Tais narrativas foram utilizadas como apontam Delorme e Thériault (2019) como escola de linguagem para transmitir conceitos teológicos aos discípulos e aos demais ouvintes de maneira que seu entendimento os pudesse assimilar.

Verdadeiramente esse método não foi uma inovação de Jesus, muito menos do autor do Evangelho, mas uma continuidade pedagógica que bebe na fonte da tradição sapiencial, que se valia do estilo de ensinamento em mashal. Tal fato já é apontado por Líndez (1999) que demonstra como o ensinamento em parábolas se enraíza na tradição sapiencial de Israel uma vez que termo παραβολή (parabolé) não foi criação do autor do evangelho de Marcos, mas apropriação do termo que traduz na LXX o termo hebraico mashal, o qual poderia ser um provérbio, ou um enunciado.

Líndez (1999) define o mashal como ditos populares breves, um dito que corre de boca em boca e que se grava no povo e não em tábuas, conserva-se na tradição popular. Esses ditos evocam uma experiência cotidiana, de maneira figurativa, mas propõe através de um enunciado simples um duplo nível de significado, onde o primeiro apenas aponta para uma realidade mais elevada contida no segundo nível.

É nesse sentido que compreendemos as parábolas como continuidade com a pedagogia dos sábios do Antigo Testamento. De modo particular se recorremos ao âmbito da Literatura Sapiencial, poderemos ver o uso de imagens, metáforas, narrativas breves e comparações (cf. Eclo 11,30) desempenha papel fundamental na transmissão do conhecimento e da experiência de fé.

Por isso a escolha das parábolas, elas não funcionam como paráfrases, ou simplificações rasas, não são narrativas desenvolvidas metaforicamente, mas fazem "[...] um discurso falando, porém, ao lado, da coisa que ela visa" (Delorme; Thériault, 2019, p. 16). Aplicando, pois, o método temos: a coisa visada por Jesus – revelar os mistérios do Reino – só pode ser dita indiretamente por meio de comparações e analogias, pois ao lado dessa estória há um segundo nível de significado, mais elevado, ao qual o primeiro nível remete.

4 DEMONSTRAÇÕES ATRAVÉS DA ANÁLISE DE PARÁBOLAS

Analisamos as parábolas: a semente que germina por si só e a do porteiro vigilante, uma vez que são as únicas exclusivas de Marcos, e possibilitam traçarmos a moldura da mensagem central do ensino de Jesus como que condensada em comparações simples, seguem as conclusões do processo:

Na primeira análise, da parábola da semente que germina por si só, Gourgues (2004) chama a atenção para a introdução, uma vez que a estrutura dada por Jesus compara o Reino ao agricultor e não a semente. As etapas descritas são as do investimento humano frente ao fenômeno do crescimento natural da planta. O investimento do camponês é o lançar a semente e esperar seu autodesenvolvimento, todo o restante da ação vem da plena potência de desenvolvimento da semente.

Gourgues (2004) pontua ainda a insistência na temática agrária: a semente, a semeadura, o desenvolvimento e a colheita; é essa insistência temática que liga as três parábolas do quarto capítulo, pois Jesus está

falando de uma mesma realidade – O Reino de Deus – e o faz explorando os mesmos símbolos partindo de prismas variados. É notório que o fulcro do método de ensinamento de Jesus, neste bloco do capítulo quatro de Marcos, está no paralelo que ele faz entre a ação de Deus e do camponês.

> Jesus recorre a uma comparação: Deus não age de modo diferente do camponês que não intervém em seu campo antes da hora da a colheita. Mas não nos enganemos: esse período do Ministério de Jesus durante o qual Deus dá a impressão de negligenciar a obra que ele empreendeu é o que precede a messe escatológica (Dupont apud Gourgues, 2004, p. 23).

É nesse campo escatológico que a segunda parábola – do porteiro vigilante – parece fechar a moldura pedagógica do método de Jesus. Lançando agora o olhar na parábola do porteiro vigilante podemos ver a continuidade da comparação, embora em um campo semântico diferente. O Reino já não mais é comparado com figuras agrárias, mas figuras servis pois a comparação remete a ações esperadas de um bom discípulo, que como servo vigilante, aguarda a chegada do Reino.

Dessa maneira e conjuntamente, as parábolas da semente que germina por si só e do porteiro vigilante delineiam a completude da moldura teológica das parábolas em Marcos. Traçando, conforme demonstra a análise, função estrutural que essas narrativas cumprem no enredo, orientando o leitor desde o chamado à escuta até a expectativa da manifestação definitiva do Reino.

Ao optar por estruturar as narrativas parabólicas em forma de comparação Jesus consegue revelar o segundo nível semântico da parábola, tocando elementos da vida do seu público, que no contexto narrativo é de um povo majoritariamente rural de prática campesina e servil, esse é o sitz im leben , por isso o camponês e o porteiro são figuras importantes na escolha simbólica do discurso em Marcos.

Aquele paralelo estabelecido entre o camponês paciente e Deus que pacientemente espera a semente do Reino lançada germinar para a

colheita, é completado pelo paralelo com o patrão que confia sua casa a empregados e está voltando. Ou seja, a mensagem resultante à comunidade leitora de Marcos é que o Reino que Jesus lançou com seu ensinamento está crescendo no discípulo, mesmo sem que ele perceba, e breve chegará o momento do encontro com o dono desse Reino que está chegando.

O caminho foi percorrido, e uma vez preparado o entendimento das multidões sobre - quem é Jesus? – pode-se passar para a chegada do Reino nas narrativas da paixão do Senhor iniciadas no décimo quarto capítulo, imediatamente após o último bloco de parábolas que apontam para a breve chegada do Reino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto compreendemos que, no contexto marcano, as parábolas não aparecem de modo isolado, mas são integradas ao desenvolvimento narrativo, contribuindo para a construção progressiva da identidade de Jesus e da compreensão de sua missão.

Também compreendemos que as parábolas são mais bem compreendidas na esteira da continuidade da pedagogia dos sábios do Antigo Testamento, especialmente no âmbito da Literatura Sapiencial, pois elas se aproximam do *mashal*, um dito que corre de boca em boca e que se conserva na tradição popular, gravando-se nas pessoas.

Compreendemos que é esse método de ensino com o qual Jesus escolhe anunciar o Reino, pois esse método contém uma força comunicativa enorme, uma vez que evoca uma experiência vivencial proposta através de um enunciado simples, que cria um vínculo entre a vida do ouvinte e a mensagem proposta.

Enfim, observamos, através do panorama marcano, que só mediante o discipulado se pode entender as parábolas. Também que as parábolas constituem uma espécie de escola de linguagem, nos fornecendo o modo como falamos de Deus e das realidades que dizem respeito a Ele, integram

uma moldura teológica ao ensinamento de Jesus e garantem ao discípulo entender e falar das realidades do Reino de Deus.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002 (11ª imp. 2016).

DELORME, Jean; THÉRIAULT, Jean-Yves. *Para ler as parábolas*. São Paulo: Loyola, 2019.

GOMES, RITA MARIA. *Marcos*: o evangelho do Messias inaudito. São Paulo, Loyola, 2022.

GOURGUES, Michel. *As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus*: das origens à atualidade. São Paulo: Loyola, 2004.

KONINGS, Johan; GOMES, Rita Maria. *Marcos*: o evangelho do reinado de Deus. São Paulo: Loyola, 2018.

MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.

VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. *Sabedoria e sábios em Israel*. São Paulo: Loyola, 1999.